

## LICEUS PAULISTANOS: ELEMENTOS PARA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

**Zeila de Brito Fabri Demartini**  
**UMESP - CERU/USP**

### I. INTRODUÇÃO

O ensino particular na cidade de São Paulo compreende aspectos que consideramos importantes para a melhor apreensão da complexidade do sistema educacional que se foi constituindo no estado. As escolas mantidas por particulares já reuniam, em 1914, cerca de 23.640 alunos, enquanto nas escolas públicas havia 40.274, evidenciando o importante papel desempenhado pelo ensino privado, principalmente no tocante ao ensino primário, no quadro geral da educação na primeira metade do século XX. A imagem veiculada nas publicações oficiais da Diretoria Geral da Instrução Pública sobre o ensino particular na cidade de São Paulo nas primeiras décadas deste século é desfavorável e pessimista e o tratamento dado às escolas particulares tende a ser homogêneo; nos relatórios das autoridades escolares do Estado, os problemas de maior gravidade relacionados ao funcionamento destas escolas são atribuídos de modo generalizado ao conjunto delas, englobando nesta categoria escolas de nível primário, secundário, superior, ensino profissional e escolas mantidas por colônias estrangeiras. Alguns autores consideram que é preciso ter prudência ao se lidar com as informações dos inspetores escolares, pois estes, muitas vezes, poderiam tender a julgar as escolas particulares com excessiva severidade, em função das relações que mantinham com esses estabelecimentos enquanto autoridades escolares.

Uma análise desta realidade baseada em fontes de outra natureza, isto é, em relatos orais de professores por nós entrevistados que lecionaram em escolas particulares criadas na Primeira República permite problematizar a imagem acima, formulada nos Anuários do Ensino geralmente pelos inspetores escolares, pautados por um discurso nacionalista. Trataremos de um dos tipos de escola que foram criadas nas primeiras décadas republicanas, os liceus, que, ao lado de externatos, cursos preparatórios, escolas de ordens religiosas, escolas de grupos de imigrantes etc., constituíram um sistema educacional extremamente diversificado. Através dos relatos de educadores que acompanharam a criação e a história de dois liceus - Liceu Nacional Rio Branco e Liceu Acadêmico São Paulo - analisaremos suas especificidades e suas vinculações com o sistema educacional mais amplo.

### II. LICEUS

## 1. Histórico da Criação e Desenvolvimento das Escolas

Os liceus diferenciavam-se dos externatos não apenas em sua origem – geralmente criados por grupos de amigos – como também pelo esquema de funcionamento – maior número de cursos e horários oferecidos, instalações apropriadas ao desenvolvimento de atividades educacionais. No entanto, as duas escolas desse tipo a cujos históricos tivemos acesso – o Liceu Nacional Rio Branco e o Liceu Acadêmico São Paulo – embora tenham sido criadas graças à iniciativa de amigos com interesses comuns, se distinguiam em vários aspectos, seja pelos cursos ministrados, pelos objetivos a que seus fundadores se propunham, pelo tipo de clientela a que se destinavam, pela localização, pelas origens dos professores fundadores e outros.

O Liceu Nacional Rio Branco nasceu da união de um antigo curso de preparatórios a um grupo de educadores eminentes na época, que traziam uma proposta pedagógica definida (eram entusiastas da Escola Nova). A escola recém formada voltou-se para o atendimento da camada alta da população, em geral, filhos de grandes fazendeiros e de famílias tradicionais brasileiras. Uma professora que ali lecionou contou-nos como se deu esse processo:

Em vinte e... quatro, 25, por aí... ele (o professor Savério Cristóforo) abriu um cursinho de preparatórios. Chamava-se Instituto Rio Branco, sabe? Esse instituto cresceu tanto que ele disse: “olha, já não dá pra eu aceitar mais alunos, mas eu tinha vontade de expandir, porque eu estou recebendo pedidos do interior, até pra alunos internos”. Ele disse: “Eu encontrei um sobrado muito bom na Rua Caio Prado, esquina da Consolação”. (...) E o professor Savério, então, se instalou nesse sobrado com a família. Aumentou o cursinho dele e ele começou a receber o primeiro... os dois primeiros alunos internos. Então o professor Savério, usando ainda da inteligência, da capacidade dele, que já era um homem vivido, uniu-se ao grande, aos grandes pedagogos da época. Na época era o Roldão Lopes de Barros, o Sampoio Dória, Almeida Júnior e o... Lourenço Filho. Formou uma equipe... Que lecionavam e tinham o seu nome já, assim, bem conhecido. Escola Normal... de... de ginásio... Eram os faróis no ensino, não é. E ele, muito inteligente e feliz, associou-se a eles, né, formaram uma sociedade anônima...; compraram o terreno ali na Rua Dr. Vila Nova... ergueram o prédio, que foi o Liceu Nacional Rio Branco. E ali, então, começaram a receber mais alunos de fora e formou-se um internato. Era um internato grande, poderoso, com muitos alunos. E depois o semi-internato, não é? Então criaram o Liceu Nacional Rio Branco. Por volta de 38, 39, era um colégio de elite, um colégio de posse, de força no ensino... porque não só esses pedagogos, mas outros nomes, outros catedráticos ali lecionavam. Grandes nomes, grandes figuras que... já desapareceram. Infelizmente, o professor Savério ficou só dois anos... nesse trabalho de direção e fazendo parte dessa equipe, porque... logo em seguida ele foi vítima de um câncer no estômago e faleceu. Mas deixou... um nome, um exemplo de vida, de trabalho, de honestidade.

Já o Liceu Acadêmico São Paulo teve origem mais humilde que o Rio Branco. Formado por um grupo de jovens, moradores do bairro do Brás e imediações, a escola nasceu com o nome de Academia Comercial Cenáculo, em função de um jornal de variedades de mesmo nome, criado e editado por esse grupo de amigos. Modestamente instalada na Rua Oriente, a escola abriu suas portas a rapazes de camada média e baixa, dispostos a frequentar um curso noturno de contabilidade. De acordo com um dos fundadores:

A nossa escola começou em abril de 1927. Nós éramos vários rapazes... e... nós mantínhamos na ocasião – antes da escola – um pequeno jornal literário... que se chamava “O Cenáculo”. Então, nós éramos um grupo, sei lá... de sete, oito, nove rapazes e nos reuníamos periodicamente... e escrevíamos artigos diversos: literatura, poesia, sobre teatro, sobre cinema, que naquela época era ainda incipiente. Mas depois de dois anos de funcionamento, não havia mais condições financeiras de manter o jornal. Porque... de dia para dia o seu custo encarecia e nós todos vivíamos de salário. Ninguém era filho de capitalista... (riso) e não havia mais possibilidade. Então nós resolvemos parar com o jornal. E um dos rapazes que fazia parte do grupo era professor de Português: Salvador Fraga. Ele disse: “Vamos montar uma escola”. E essa escola começou a funcionar... em abril de 1927. No dia 10 de abril, nós demos a nossa primeira aula; a aula inaugural. Sem festas, sem pompa, sem figurões, sem nada disso. Uma escola modesta, simples, que iniciava sua atividade sem grandes pretensões. E como nós vínhamos com a idéia do jornal... nós demos à escola... o nome de Cenáculo. Nós mantivemos o mesmo nome do jornal. Vocês sabem perfeitamente que Cenáculo... representa... o local onde Cristo se reunia com os seus apóstolos. Mas ao mesmo tempo, Cenáculo também representa um conjunto de pessoas que têm os mesmos ideais... e gostam, então, de trocar idéias... a respeito. E como nós éramos rapazes que tínhamos exatamente os mesmos ideais... e... trabalhávamos em conjunto com uma determinada finalidade é que nós resolvemos dar... o nome de Cenáculo. Então demos o nome de Academia Comercial Cenáculo, porque, naquela época, normalmente as escolas eram “academias”. Era sempre academia. Então, nós... “Academia Comercial Cenáculo”. E começamos as nossas atividades. Nós todos trabalhávamos fora e à noite, então, dedicávamos a nossa atividade à escola. (...) A idéia, inclusive, de fazer um curso noturno, nasceu aliada à necessidade que os professores, os fundadores da escola, tinham de trabalhar numa outra atividade. Nós éramos quatro professores e tínhamos oito alunos. (...) Nós fizemos as carteiras, com que iniciamos as nossas atividades. Preparamos tudo. Então, nós éramos secretários, nós éramos diretores, nós éramos... os professores, nós é que fazíamos... todas as atividades eram feitas por nós quatro. E começou a funcionar. Acontece que depois, no decorrer dos trabalhos... esses nossos sócios foram se afastando. Um por umas questões pessoais, outras por... diversidade de pensamento, de modo de agir e etc... e, em fins de 1928, eu estava sozinho. Eu, que era o menos interessado na escola, acabei ficando sozinho. Mas, por teimosia, eu achei que devia continuar (batendo na mesa com a mão fechada), que a escola não devia perecer. E continuamos. E a escola foi-se desenvolvendo...

Como se pode notar, ambas experiências tiveram início como atividades complementares de seus fundadores, contrariamente ao que ocorria nos externatos, que recebiam dedicação quase integral de seus criadores. Além disso, os liceus se assemelhavam mais a “empresas de ensino”, em nada lembrando o caráter de negócio familiar dos externatos.

Nos itens que seguem, veremos que a história do desenvolvimento destas escolas é marcada por crescente ascensão, o que vem reforçar ainda mais o seu caráter empresarial,

muito embora os liceus em questão diferissem por completo em diversos aspectos. O Liceu Nacional Rio Branco, que na década de 30 passou a chamar-se Colégio Rio Branco, mantém até hoje fama e prestígio. O Liceu Acadêmico São Paulo, por sua vez, foi incorporando todos os níveis de ensino ao longo dos anos, chegando inclusive a oferecer cursos superiores (Faculdade Carlos Pasquale).

## **2. Condições Físicas e de Funcionamento das Escolas**

Certamente, muitas autoridades escolares estaduais invejariam as instalações dos liceus em questão, especialmente construídas para o abrigo das escolas e, talvez se sentissem envergonhados da situação em que se encontravam grande parte das escolas públicas.

O Liceu Acadêmico São Paulo, após ter superado a fase improvisada e precária da “Academia comercial Cenáculo”, equipou-se de maneira exemplar. Com a mudança para um prédio maior e o aumento dos cursos oferecidos, o Liceu ganhou laboratórios de química, de história natural, salas de geografia, de mecanografia, escritório modelo de contabilidade e quadra de esportes. Além do depoimento do professor proprietário, o recurso a fotografias cedidas pela direção da escola nos auxiliam a precisar a dimensão da transformação por que passou a escola e também as diferenças mantidas em relação aos externatos particulares:

(A Academia Comercial Cenáculo) ficava na Rua Oriente mesmo. Na Rua Oriente, 75. Aqui acontece o seguinte: este prédio era um armazém. Era um armazém de secos e molhados... e fechou. E nós então... eu com minha família... alugamos essa casa. E a reunião dos rapazes se processava justamente na minha residência. E quando nós resolvemos... como ele tinha um pé direito muito alto... Esse armazém tinha um pé direito de mais de seis metros. Quando nós resolvemos criar esta academia comercial, nós fizemos o seguinte: nós dividimos o armazém... em duas partes, fizemos uma espécie de mezanino, não é? Então, dividimos ao meio e fizemos duas salas grandes. E esta parte superior representa justamente a sala nova e esta parte de baixo o que é justamente a parte térrea. E aqui, então, nós colocamos esta... portentosa placa. “Academia Comercial Cenáculo”. Ah, nós tínhamos na ocasião essas duas salas e depois nós tínhamos um porão também muito alto, um porão muito bom e nós formamos mais duas salas. Então nós tínhamos quatro salas de aula inicialmente. E deu muito bem pra começar, porque... como eu lhes disse, nosso começo foi muito modesto. Nós mesmos é que fomos à serraria, compramos a madeira... fizemos as carteiras. Porque... (ri), na época, nenhum de nós tinha capital bastante para montar algo assim... Então, nós fomos à serraria, compramos a madeira, montamos as carteiras e começamos... o nosso trabalho. Nesse prédio, nós funcionamos até 1930. Mas como o prédio aí já não comportava mais o número de alunos, nós resolvemos mudar. Nós mudamos para um prédio maior, que estava localizado na Rua Elisa Whitaker, esquina com Monsenhor Andrade. Ali perto. Questão de 300 metros. Nós passamos pra lá e ficamos lá durante seis anos. Quando nós passamos pra lá, então nós resolvemos mudar o nome e ele passou a ser Liceu Acadêmico São Paulo, que é o nome que... se mantém até hoje. Porque nós montamos outros cursos, então a existência de Academia Comercial já não se justificava. Então nós mudamos o nome para Liceu Acadêmico São Paulo. Então, em 1931, nós mudamos para este prédio. Este era bem grande. Aqui funcionou o Grupo Escolar do Pari. Era um prédio muito bom. Ele era um prédio

construído mesmo pra escola, só que não era propriedade do Estado. Era propriedade particular. E durante esse período, como a escola tomou um certo desenvolvimento, nós achamos que devíamos construir um prédio próprio. E, realmente, tivemos a felicidade de conseguir um terreno na mesma Rua Oriente, pouco distante de onde... havíamos iniciado a nossa atividade. E... conseguimos, com muito esforço, muito sacrifício, nós conseguimos construir o prédio. E, em 1937, nós voltamos, então, para a Rua Oriente... e lá ficamos até agora. Continua lá. Nós construímos apenas uma parte, depois aumentamos e fomos ampliando. Esta era a sala de mecanografia. Nós somos dos primeiros a implantar... uma sala de mecanografia e um escritório modelo. Até máquinas elétricas nós tínhamos naquela ocasião. Isto foi na época justamente que nós estávamos naquele prédio. De 1932 a 1936. Depois nós continuamos. No outro prédio, nós continuamos. Fomos dos primeiros a montar esta sala de mecanografia e escritório modelo. Para os alunos... do penúltimo e do último ano. E era justamente do curso de contador. (...) Era um galpão muito bom esse e nós aproveitávamos para... que servia justamente de pátio coberto... para os alunos. E ele tinha, depois uma área muito grande de recreio, onde nós fizemos a quadra de bola ao cesto, e tinha um jardim muito bonito também este prédio. O prédio era muito bonito. Muito grande, muito bom.

Também o Liceu Nacional Rio Branco encontrava-se instalado em condições semelhantes, à Rua Dr. Villa Nova, no bairro de Higienópolis. O prédio próprio, posteriormente ampliado com a construção de mais um bloco na Rua Maria Antonia – que mais tarde sediou a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo – contava com laboratórios, biblioteca, quadra de esporte, piscina, auditório, além de dependências especiais, como dormitórios e refeitório. Isto porque, desde o seu nascimento, o Rio Branco recebeu alunos em regime de internato e semi-internato<sup>1</sup>.

Embora ambas escolas tenham surgido sob circunstâncias diferentes, acabaram incorporando e administrando uma série de cursos ao longo dos anos, seguindo a demanda da clientela ou, então, procurando adaptar-se às transformações implementadas no sistema de ensino. Nesse sentido, os depoimentos de professores do Liceu Nacional Rio Branco e do Liceu Acadêmico São Paulo nos indicam como se deu o processo de estudos e opção por determinados cursos.

O Liceu Nacional Rio Branco começou a funcionar com os cursos primário, ginásial e comercial. Este último foi abandonado e optou-se por outros, como o normal e o pré-primário, cujas experiências também não foram bem sucedidas, seja por razões financeiras – curso normal – ou de falta de espaço apropriado para o desenvolvimento de atividades pedagógicas – pré-primário:

Eu não me lembro quanto tempo nós tivemos Escola Normal. Mas, se não me engano, em 42 ou 43 foi o último ano de Escola Normal, porque nós terminamos com seis alunos. E foi uma Escola Normal assim de um valor muito grande, até em número de alunos, sabe? Mas ela foi decaindo, foi decaindo e terminamos com seis alunos. E quando o Dr. Dória viu que seis

---

<sup>1</sup> Entre outras coisas, esta escolha estaria condicionada pelo tipo de clientela a que se destinava a escola. O Rio Branco recebia muitos filhos de fazendeiros vindos do interior do Estado. Para estes alunos, em muitos casos, a existência do internato era fundamental.

alunos não dava para... manter a escola, não é, para pagar os professores, então terminou. Mas ela começou em 35, 36. Por aí. Eu fui convidada pelo... Sampaio Dória pra dirigir uma classe... de pré-primário. Foi a primeira... Um jardim da infância. Eu fui a primeira professora de jardim da infância do Colégio Rio Branco. Mas economicamente uma classe de pré-primário não rendia tanto quanto uma classe de Escola Primária. Não tínhamos uma área assim tão boa para as crianças, não é? Então, houve uma época, alguns meses em que o meu pré-primário... daqui do Colégio Rio Branco, era numa sala de biblioteca. A biblioteca era pequena, tinha só um... era só um armário. Estava se formando. Então você veja, por aí, como não era o lugar adaptado não interessava às famílias, não é? Então fechou-se o pré-primário e eu voltei a lecionar numa 2ª série. Funcionou uns dois, três anos, mais ou menos. Depois é que nós criamos o pré-primário aqui, então, com todas as regalias, com todos os acertos, documentação, tudo isso. Mas naquela época foi uma experiência que não deu certo, porque nós não tínhamos ambiente pra... receber. Mas, como naquele tempo havia aquele... famoso jardim da infância da Caetano de Campos... então o nosso do Rio Branco era apenas até para acomodar as famílias que tinham dois filhos. Então, por exemplo, um estava no 1º ano, já punham o outro no pré-primário. Tínhamos guarda-sóis nas mesas, tínhamos cadeirinhas espreguiçadeiras, tudo isso. Íamos pra piscina... Mas não era o suficiente. Eu sentia que era tudo assim muito... muito errado pela experiência... Que eu já tinha lido... alguns livros que a gente conhecia das escolas maternas da Europa, tudo isso. Tinha até um livro muito raro, Kindergarten, né, que o Dr. Dória me emprestou e eu, quando li aquele livro, disse assim: “Meu Deus! Como nós estamos errados com esse pré-primário aqui, né, o jardim da infância aqui dentro do rio Branco, né”. Então extinguiu-se. Uma grande temporada extinguiu-se. Depois, quando o Colégio fez o prédio maior, aí deu oportunidade pra se criar e manter até hoje, como nós temos, o pré-primário.

O Liceu Acadêmico São Paulo, por sua vez, teve início apenas como curso comercial noturno; mas passou a oferecer os cursos primário, ginásial, colegial, normal e, mais recentemente, o curso superior, delimitando uma trajetória de nítida ascensão:

Em 1930, quando nós partimos para o outro prédio, nós também começamos com o curso primário. Então, funcionava o curso primário e funcionava o curso comercial. Não é? Quando nós partimos para esse prédio, em 1931, nós já tínhamos elementos para formar um curso diurno. Sempre do curso comercial. E aí, então, em 32, nós partimos para o ginásio. Partimos para o ginásio e depois, em 38, partimos para o colégio também. Depois de um certo tempo de funcionamento do ginásio, nós partimos para o colégio. Mas a escola de comércio era valorizada na época. Tanto era valorizada que nós, antes de montarmos o curso ginásial, nós já tínhamos no curso comercial quase mil alunos! (...) a procura pelo curso comercial era predominantemente de homens. Homens. A proporção era... vamos dizer de... 70, 75% de homens e 20, 25% de mulheres. Sempre foi assim. Na primeira turma, eram oito alunos. Nós tínhamos duas mulheres. E a escola foi num crescendo, num crescendo... então, nós mantivemos curso colegial, curso normal. E enquanto o bairro se mantinha populoso, um bairro residencial, a escola também foi se mantendo e num crescendo, num crescendo contínuo. Mas chegou uma época em que o bairro foi se despovoando. Ele passou a se tornar um bairro... de residencial para um bairro comercial. Então o bairro foi se esvaziando. E a escola, naturalmente, sentiu os efeitos. Então, em 1971, nós achamos que devíamos partir para uma outra atividade. Como os cursos estavam diminuindo de intensidade, partimos para o curso superior.

### **3. Localização e Clientela**

Vimos que a localização dos externatos particulares na cidade estava extremamente interligada à clientela por eles atendida. O mesmo se verificou para os liceus em questão. Neste caso, sua própria criação foi, em parte, condicionada pela demanda da população, muito embora o Rio Branco e o LASP recebessem alunos pertencentes a camadas sociais distintas.

No bairro do Brás, à época da criação da Academia Comercial “Cenáculo”, havia alguns grupos escolares e uma escola normal mantidas pelo Estado, além de uma escola de comércio particular. Assim, apesar da localização privilegiada do Brás, próximo ao centro da cidade, seus moradores ressentiam-se de escolas de nível secundário, como em várias outras regiões de São Paulo. O Estado limitava-se a oferecer ensino primário, normal e superior – havia apenas um ginásio estadual na cidade na década de 20 – ficando o curso secundário nas mãos da iniciativa privada.

Além disso, também as características econômicas do bairro do Brás – predominantemente comercial – e de seus habitantes – imigrantes empregados no comércio de mercadorias – influíram na escolha do tipo de ensino a ser ministrado na escola “Cenáculo”: o curso comercial. Segundo um dos fundadores:

A idéia de montar uma escola surgiu, por parte desses meus colegas, porque se fazia necessária uma escola naquela região. Era preciso que se tivesse uma escola. (...) Na década de 20, 30, eram bem poucas as escolas. Tanto que nós recebíamos, na ocasião, alunos de todos os bairros. Nós tínhamos alunos do bairro da Mooca, da Penha, do Belenzinho... do Belenzinho, por exemplo, era uma leva enorme de alunos, porque eles tinham a facilidade de condução. Havia um bonde... e o bonde passava lá no Belenzinho, na Penha, e trazia um mundo de alunos daquela região, não é. Além do bairro do Brás, nós atendíamos também pessoal do bairro do Pari, do bairro do Canindé, do bairro do Bom Retiro... Mas, economicamente, a clientela sempre foi de classe B pra baixo. Nunca tivemos alunos de classe A. Raramente, havia um ou outro, né? Mesmo porque o bairro era justamente um bairro de gente que trabalhava, de pessoal das classes laboriosas. Predominantemente no comércio.

Ainda com respeito ao Liceu Acadêmico São Paulo e de acordo com as observações de seu diretor, a afluência diferenciada de homens e mulheres a esta escola relacionava-se às condições sócio-econômicas dos alunos, que representavam uma parcela significativa do bairro do Brás. Para as camadas sociais mais baixas, o estudo era encarado como instrumento de ascensão social. Nesse sentido, privilegiava-se a formação dos homens, garantindo-lhes o acesso a cursos técnicos ou outros, mesmo que isso implicasse no pagamento de mensalidades. Às mulheres, restavam os grupos escolares estaduais, de instrução primária e gratuita ou, então, os cursos técnicos preponderantemente “femininos”, como, por exemplo, o secretariado, uma modalidade do curso de comércio.

Eu acredito que, naquela época não eram muitas as famílias, da classe média pra baixo, que encaminhavam as filhas para o estudo. Para as escolas particulares. Começou o desenvolvimento, esta aproximação das meninas às escolas, começou a se desenvolver muito

a partir de 60. Mas, neste começo, não eram muitas as famílias que encaminhavam as meninas para os colégios. Mas, como havia grupos escolares em número suficiente, elas preferiam, então, mandar para os grupos escolares. De modos que as escolas particulares, a frequência... das meninas era relativamente pequena. As moças procuravam muito o curso de Secretariado

O Liceu Nacional Rio Branco, situado na região central da cidade, recebia não somente alunos residentes nas imediações, mas também do interior do estado. Assim, desde o princípio, acolheu filhos da camada alta da sociedade, consolidando, com o passar dos anos, sua fama de colégio de elite. Uma professora do antigo liceu nos contou as reações dos mestres diante dos primeiros alunos que chegaram às suas classes:

Recebi a primeira classe de 2º ano, mas era de alunos internos e semi-internos. Uma classe pesada, porque eram... os matutos que estavam chegando das fazendas, naquela época em que o café estava numa boa posição econômica, não é. Então os fazendeiros matriculavam os filhos nos colégios aqui em São Paulo. E o Colégio Rio Branco, como tinha internato, era um colégio de preferência, era até um colégio de elite, um colégio financeiramente muito bem posicionado! Mas nós, como professoras, e eu, como uma menina de 22 anos, sem experiência, (...) quando me vi diante de uma classe de rapazinhos que usavam aquelas botas ainda das fazendas, eu me vi perdida, não é. (...) Quando eu entrei aqui... era uma nata. O Colégio rio Branco recebia a nata de São Paulo. (...) O Colégio Rio Branco passou a ser um colégio tradicional.

A opção pelo ensino particular não se restringia apenas à camada alta da sociedade paulistana. Também as camadas média e baixa, a última em especial, tinham estratégias próprias de acesso aos cursos secundários – predominantemente particulares – ainda que de maneira limitada. Tal situação amplia nosso entendimento da expansão do sistema de ensino na cidade de São Paulo, na medida em que introduz novos aspectos à reflexão.

#### **4. Programas, Disciplinas, Metodologia**

Embora o Liceu Nacional Rio Branco e o Liceu Acadêmico São Paulo oferecessem os mesmos cursos já na década de 30, a tônica dada a alguns deles era diferente. O “forte” do Rio Branco era o curso primário, enquanto que o Liceu São Paulo investia no curso comercial. Para melhor compreendermos como cada uma das escolas desenvolvia seus programas e métodos de ensino, optamos por analisa-las em separado.

O curso comercial por se tratar de formação técnica, exigia um programa especial, mais amplo que o ginásial, constando de disciplinas específicas de material apropriado. Sua duração se prolongava por seus anos de estudo, podendo-se afirmar que eram dois cursos em um – ginásio e comercial. O diretor do LASP nos falou a respeito da estruturação do curso, organizada pela então Diretoria do Ensino Comercial, de âmbito federal. Ele garantiu o bom



preparo dos alunos egressos do curso de comércio, que disputavam vagas na universidade com uma certa superioridade em relação aos colegiais:

Até 1931, esse curso comercial era constituído de quatro anos de estudo. Depois, em 1931, foi feita uma reforma de ensino e ele passou a ser de seis anos. Ele passou a ter três anos de formação, de propedêutico, e três anos de curso técnico, não é? Então era o propedêutico e depois havia o curso técnico de contador. Mais tarde... ele sofreu outra reforma. Então ele passou a se constituir de quatro anos de curso pro... básico e três anos de curso técnico. Sete anos. Não é? As matérias lecionadas naquela época eram quase que as mesmas do ginásio, com... o aumento das materias técnicas. Não é? Nós tínhamos, por exemplo, no curso comercial estudava-se Português, Inglês, Matemática, Geografia, História, não é? Sociologia... E mais se estudava, então, a... História Administrativa, estudava-se contabilidade, estudava-se Legislação Fiscal, estudava-se Direito Comercial e Direito Civil, tudo isso era estudado no curso comercial. Então era um currículo que dava ao aluno conhecimentos bastantes pra ele trabalhar no comércio tranquilamente. E nós tínhamos... Os alunos que concluíam o curso... o curso técnico, ou seja, o curso de contador, que mais tarde veio a ser o curso Técnico de contabilidade, esses alunos... nos concursos para ingresso nas faculdades de Direito, eles levavam uma vantagem enorme sobre os que faziam o curso colegial. A única coisa que eles não tinham... em seu favor, era o estudo de Latim e no curso comercial não havia o Latim. Mas eles, com umas aulas particulares, eles se colocavam em condições de prestar o exame de... de ingresso, o vestibular, em vantagem sobre os alunos dos cursos colegiais.

Nessa época, as disciplinas técnicas ressentiam-se de livros didáticos apropriados, obrigando os professores a recorrer às famosas apostilas e ao ditado de pontos da matéria. Por outro lado, como já observamos em item anterior, a direção do Liceu Acadêmico São Paulo esmerou-se em oferecer instalações adequadas ao funcionamento de seu curso de comércio, dotando a escola de sala de mecanografia e escritório modelo de contabilidade, capaz de possibilitar aos alunos a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos em sala de aula:

Naquela época, os livros didáticos eram muito escassos. Era, muito escassos. Então, ou nós ditávamos as aulas ou, então, fazíamos apostilas, que distribuíamos aos alunos. Havia livros... Por exemplo, havia livros de Geografia, livros de História... Esses sempre existiram, Nas das matérias técnicas havia uma deficiência muito grande. Então nós tínhamos para as... as disciplinas usuais como Português, Geografia, História, Matemática, nós tínhamos livros didáticos. Mas para as matérias técnicas não havia. Então nós organizávamos os pontos e ditávamos aos alunos ou, então, fazíamos apostila e distribuíamos aos alunos. Isso se manteve durante muitos anos. Só mais tarde é que começaram a surgir, então, os livros técnicos. Livros de... de Contabilidade, os livros de Legislação Fiscal, de direito Comercial... De acordo com a capacidade porque os livros de Direito Comercial existiam, Mas nós não podíamos dar um livro de Direito Comercial para um aluno que começava a estudar Direito Comercial. Mesmo porque, o nosso Direito Comercial ele... ia até um certo limite. Nós não estudávamos todo o Direito Comercial. Não havia essa profundidade, né. Fomos dos primeiros a montar esta sala de mecanografia e escritório modelo. Para os alunos... do penúltimo e do último ano. E era justamente do curso de contador. Então eles (os alunos) trabalhavam com... notas fiscais, com faturas, duplicatas, notas promissórias, cheques, todos aqueles documentos que se utilizavam na época, né. Eles trabalhavam com tudo. Era um ensino bastante eficiente, modéstia à parte.

O curso primário do Liceu Nacional Rio Branco seguia o programa oficial do Estado. No entanto, inovava no que se refere à metodologia de ensino, toda baseada nas idéias da

Escola Nova<sup>2</sup>. Para tanto, recorria-se aos materiais os mais diversos com o objetivo de ministrar certas noções e conceitos às crianças. Uma entrevistada nos contou quais os recursos que utilizava para trabalhar o programa, recursos estes que, ao que tudo indica, ficavam a critério de cada professor:

Certa vez, numa época das chuvas... inundou o prédio, e... as salas eram enceradas. Depois de seca, de... de terem tirado a água, ficaram uns recortes ali e eu dei uma aula de Geografia, mostrando o que era península, o que era ilha... Sabe? Aproveitei as marcas. (...) e o nosso centro de interesse, na época, era a chuva, sabe? Mapas eram poucos, trabalhos de ilustração era o “Belinguen” (uma revista Argentina), nós não tínhamos quase nada, né. Então eu comecei a pensar em fazer os meus cadernos, principalmente ligados a História do Brasil, Geografia e ciências... a escrever ou, por outra, a traçar quadrinhos e ao lado do quadrinho explicar. Então eu me lembro que, por exemplo, no descobrimento do Brasil, os alunos que soubessem desenhar, desenhavam, os que não soubessem desenhar às vezes faziam recorte. Por exemplo: primeiro... ponto de contato dos portugueses aqui na Bahia. Tinha que descobrir o Monte Pascoal. Então eles faziam lá o monte... até colocavam às vezes uma cruzinha em cima, porque... (riso) isso por conta deles.

Durante o período em que o Prof. Lourenço Filho se manteve na direção do rio Branco, a escola seguiu a orientação escolanovista. Com a sua saída, ainda na década de 30, passou-se a adotar uma metodologia dita mais tradicional. Mas de acordo com o depoimento dessa professora, vemos que mesmo sob a gestão de Lourenço Filho, ela desenvolvia certas atividades dentro da pedagogia tradicional, sem o conhecimento do diretor:

A Escola Nova que funcionou no primeiro ano e que... eu, apesar de ser tão... tão inexperiente, uma normalista recém-formada, eu mesma sentia que para reger uma classe só dentro da linha da Escola Nova, o resultado não estava sendo aquele que o Lourenço Filho esperava. Infelizmente. E eu... nas... nas horas... Eu era uma funcionária que eu... eu não era muito honesta no horário, mas eu era honesta no desenvolvimento do trabalho, não é? Porque eu se... eu dava um pouquinho da escola antiga. E um pouquinho da escola antiga que eu digo era ensinar o aluno a fazer uma cópia, trabalhar com ditado, trabalhar com redação, porque a preocupação do Lourenço Filho com a Escola Nova era saber se o aluno recortava bem, se colava bem, se havia aquela integração de centro de interesse, não é? E às vezes não dava pra gente dar tudo dando à criança a base que era necessária. Tanto é que eu me permito dizer – me perdoem os que vão me ouvir – que a minha classe passou a ser procurada, porque era uma classe que estava dando resultado. Mas eles não sabiam que eu dava ao lado da Escola Nova... para o Lourenço Filho, um pouquinho da escola tradicional, não é? Então eu gostava... Sempre gostei muito de Matemática, desenvolvia muito o... raciocínio, cálculo rápido mental... e a minha classe ficou assim com uma classe modelo para o Lourenço Filho. Pelo resultado; para ele, era de Escola Nova, mas não era.

## **5. A Manutenção das Escolas, a Relação com o Estado e o Trabalho do Professor**

---

<sup>2</sup> A concepção pedagógica do Liceu Nacional Rio Branco foi discutida em detalhes no item “Propostas Inovadoras”.

Já fizemos menção, em páginas anteriores, ao caráter empresarial dos liceus. Tal afirmação encontra fundamento no desejo de seus proprietários de ampliar constantemente as atividades das escolas e, em consequência, o seu rendimento financeiro. No entanto, nem sempre esse processo de crescimento ocorreu de forma contínua e ininterrupta, como podemos observar com relação ao Liceu Acadêmico de São Paulo e ao Liceu Nacional Rio Branco.

Este último, criado e dirigido por intelectuais renomados da época, ressentiu-se de uma direção mais firme e segura. Os vários cursos mantidos pelo Liceu Nacional Rio Branco contavam com diretores exclusivos, além de um diretor geral. No entanto, deve-se ressaltar que cada um destes diretores tinha suas próprias convicções e/ou simpatias por determinadas linhas pedagógicas. Com isso, a mudança de um diretor implicava também em mudança na orientação pedagógica e administrativa do curso ou da escola como um todo. Some-se a isto o fato da escola ter sido fundada com o objetivo de se pôr em prática as idéias escolanivistas, tendo fracassado neste intento, como vimos em trecho já citado depoimento de uma professora do Rio Branco. Também quanto ao aspecto financeiro o Rio Branco enfrentou dificuldades, encerrando temporariamente suas atividades em 1945 e reabrindo, tempos depois, já sob a responsabilidade do Rotary Club<sup>3</sup>.

A expansão e consolidação do LASP parece ter sido mais tranqüila que a do Rio Branco. Após o curto período em que a escola foi administrada por quatro sócios, o Liceu São Paulo passou a contar com a direção de um único proprietário, que narrou orgulhosamente o caminho percorrido pela escola como o seu próprio. Neste caso, a gestão por um único dono não deu margem às freqüentes mudanças de orientações que experimentou o Liceu Rio Branco, e o LASP prosperou graças às “contribuições módicas” de alunos do bairro do Brás e também do recurso à propaganda.

Ao que tudo indica, a relação dos liceus com o Estado se dava sem grandes problemas, limitando-se os inspetores a verificar o funcionamento dos cursos e das notas dos alunos. Mas, recuperando discussões anteriores acerca dessa mesma questão, a não “interferência” do Estado em assuntos como instalações da escola ou habilitação dos professores, por exemplo, provinha mais da falta de recursos e instrumentos por parte do Estado para fazer valer tais exigências do que por ausência de interesse.

Assim, o diretor do LASP nos contou em que nível ocorria essa fiscalização:

Sempre houve uma fiscalização. Enquanto nós tínhamos só o curso comercial, a fiscalização era exercida pela Diretoria do Ensino Comercial. Quando nós criamos o curso ginásial, era

---

<sup>3</sup> Este episódio será abordado com maior profundidade no item seguinte.

mantida, então, pela Diretoria do Ensino Secundário. Não é? Ambas... funcionando junto ao Ministério da Educação. Mas... não havia uma interferência no funcionamento. Eles apenas verificavam o funcionamento da escola. Verificavam se... as notas atribuídas efetivamente estavam certas. Eles controlavam as provas que se realizavam... Todas as provas eram feitas com a presença do inspetor federal.

Já uma professora do Liceu Nacional Rio Branco se referia à inexistência de uma ação fiscalizadora efetiva do Estado com relação ao que ocorria no dia-a-dia da sala de aula:

Quando eu estava com classe, nós não tínhamos assim... uma fiscalização... de direção como nós temos hoje na parte de... até de legislação de ensino, não é? Então, cada professora tinha... Olha, uma parte... coisa muito interessante. Nós não tínhamos nem livro de chamada. Cada uma tinha o seu caderninho, se queria ter, se não queria ter. Presença de alunos era se nós queríamos tomar nota. Era assim muito livre, não havia uma fiscalização do governo nas escolas particulares, não é?

No que diz respeito à fiscalização do trabalho do professor, a situação do Liceu Nacional Rio Branco era curiosa. Apesar da marcada orientação escolanovista, os professores tinham total liberdade em sala de aula para desenvolver o programa, ressentindo-se, muitas vezes, de uma orientação mais fechada nesse sentido: “Eu fazia a minha legislação particular. Na parte de caderno, nós não tínhamos um auxílio tão grande assim, e eu me lembro que... eu pensava muito: ‘Como é que eu vou... orientar as crianças no sentido de elas se interessarem pelas lições que nós damos?’”

Em se tratando da habilitação de professores ao exercício do magistério, Liceu Rio Branco e Liceu São Paulo diferiam completamente. No primeiro caso, o corpo docente era formado por pedagogos ilustres na época, além de jovens professores recém saídos da escola normal. Detinham, portanto, uma formação didática especializada, destacando-se também sua participação em órgãos governamentais responsáveis pelo sistema de ensino mais amplo. Assim, entre os objetivos dos fundadores do Rio Branco incluía-se a preocupação com as novas experiências pedagógicas e com o espaço para sua aplicação.

Já o Liceu Acadêmico São Paulo nasceu da iniciativa de alguns jovens empregados em escritórios, com formação comercial. Nenhum deles freqüentara uma escola normal; logo, segundo denominação da época, eram professores leigos. Somente a partir da década de 30 é que se passou a exigir o registro como professor junto à Diretoria do Ensino. No entanto, bastava comprovar o tempo durante o qual se exercera essa atividade para obter o registro. Dessa forma, a capacitação ao magistério de muitos professores do LASP seria duvidosa, ainda que tivessem relativa intimidade com suas especialidades pelo desempenho profissional (advogados, médicos, contadores etc.). Até mesmo o diretor e proprietário do Liceu Acadêmico São Paulo atuava como professor de várias disciplinas do núcleo básico, sendo que sua única formação consistia no curso de contador, conseguido na Escola de Comércio 30 de Outubro do bairro do Brás.

O trabalho no magistério particular não proporcionava a mesma segurança e estabilidade do magistério público. Em função disso, muitos professores de escolas particulares deveriam esforçar-se para conseguir uma vaga no Estado.